

Aureliano pede o entendimento

Da sucursal de
BRASILIA

O vice-presidente Aureliano Chaves entende a posição do PMDB de não participar de nenhum entendimento envolvendo a sucessão presidencial, enquanto o Congresso não deliberar sobre a emenda Dante de Oliveira. No encontro que terá esta tarde, Aureliano deverá sugerir a Ulysses Guimarães que a votação da emenda, dia 25 de abril, ocorra sem guerra dos dois lados.

O vice-presidente salu de sua audiência com o general Figueiredo, terça-feira, convencido de que há de parte do presidente da República disposição para o entendimento. "A mão estendida não foi recolhida" — observou. Mas é necessário que o gesto simbólico tenha consequência prática. O Planalto continua contrário ao imediato restabelecimento do pleito direto, o que não deverá impedir o início das conversações interpartidárias — é a opinião do vice-presidente.

Aureliano Chaves volta hoje de Vitória e, às 17 horas, vai receber o presidente nacional do PMDB em seu gabinete no Congresso Nacional. O vice-presidente, mesmo favorável às eleições diretas por convicção, não mudou de posição: não faz nem pretende fazer proselitismo pró-diretas.

O ex-governador de Minas entende que ninguém precisa mais convencer a sociedade a aceitar o pleito direto. "A preferência pelas diretas é um fato incontestável", afirma.

Essa convicção de Aureliano Chaves não o impede, contudo, de apoiar a iniciativa do ministro Leitão de Abreu e do líder governista Nelson Marchezan. Sempre que a oportunidade surge, o vice-presidente não se cansa de elogiar o espírito público do deputado Marchezan, destacando sua atuação no comando da bancada do PDS na Câmara. Na sua opinião, Marchezan deve ser prestigiado e apoiado. Ele acredita que o presidente Figueiredo tem o líder na mais alta conta.

Por tudo isso, o vice-presidente acha que a tese de uma proposta alternativa precisa ser examinada em profundidade. Se a oposição decidiu não negociar nada enquanto não for votada a emenda Dante de Oliveira, cabe ao governo e ao PDS esperar a hora e a vez de procurar a oposição. O entendimento, porém, não terá êxito se predominar a radicalização na fase de discussão e votação da emenda Dante e da proposta do governo.

Para isso será indispensável a existência de um clima democrático no Parlamento. A oposição não deve declarar guerra aos que defendem o pleito indireto agora e o governo não deve declarar guerra aos que defendem o pleito direto.

O vice-presidente deixou claro seu pensamento a respeito na conversa com o general Figueiredo. "Quando um não quer, dois não brigam", observou. Isto quer dizer que o melhor caminho para o entendimento será o clima de normalidade e o respeito recíprocos. Aureliano receia muito a radicalização e, por isso, está disposto a colaborar para que tudo corra normalmente, sem traumas.

Diante da decisão do PMDB e das oposições de não cederem nas diretas já, enquanto a emenda Dante não for votada, Aureliano tem uma proposta: que o Congresso vote a emenda normalmente, sem pressões do movimento pró-diretas nem reações do movimento pró-indiretas. Se a emenda for aprovada, o resultado deve ser acatado democraticamente; se rejeitada, que não haja revanchismo.

Vencidos e vencedores deveriam, então, conversar sobre uma nova proposta. Aureliano tem dito ao presidente Figueiredo — e repetiu isso terça-feira no Planalto — que não se faz transição sem entendimento. Daí a importância que dá à iniciativa do líder Nelson Marchezan, apoiado pelo ministro Leitão de Abreu, na busca de uma proposta alternativa para a sucessão presidencial.

O presidente da República, entretanto, mesmo prestigiando seu líder, continua divergindo do vice-presidente nessa questão. O general-presidente defende sua sucessão pela via indireta. O vice-presidente defende a sucessão direta, por convicção, não por estratégia.

O vice-presidente, de sua parte, se não está otimista, continua cada vez mais confiante em sua pregação como candidato ao Palácio do Planalto. Ele acredita que a receptividade e a confiança ao seu nome junto à sociedade poderão influenciar os convencionais do PDS. A posição que alcançou junto à opinião pública fez dele uma peça fundamental no processo sucessório. Nenhuma definição haverá sem sua efetiva participação — nas diretas ou nas indiretas.

Há muitos obstáculos pela frente, mas Aureliano disse que está disposto a continuar na sua pregação.

Nos seus contatos nas áreas palacianas, sempre que o tema das eleições diretas aparece, ele ouve a advertência: na direta o favorito é o Brizola. E isso já o está irritando: "Não podemos ter medo de assombrações. Depois que foi inventada a luz elétrica, não existe mais assombração..."

A um dirigente do PDS, o vice-presidente desabafou: "Se depois de 20 anos nós continuamos com receio do Brizola, é sinal de que nós estamos errados e ele estava certo em 64. Seria um absurdo".

Parlamentares ligados ao vice-presidente comentaram que o Planalto e o PDS precisam reconhecer a importância do papel que Aureliano Chaves está desempenhando nesta fase. Ele se tem mantido numa postura impecável, não explorando sua imagem perante a sociedade, nem comandando nenhuma rebelião anti-governo e antidiretas. Aceitou ser candidato nas regras do jogo, mas não mudou sua convicção de que a reivindicação da sociedade é o pleito direto.

Um deles observou que, se Aureliano fosse outro tipo de político, já teria virado a mesa, saindo pelas ruas e praças públicas com o grito de guerra das diretas, radicalizando o processo sucessório. E isso ele não faz, pois, se vitorioso, governaria um país em frangalhos.

Flamarion Mossri



Foto Alencar Monteiro — Telefoto Estado

Soares, Bocayuva, Freitas e Ulysses decidiram trocar marcha por comício na véspera da votação